

Entrevista da semana - 'O Consórcio quer ter o Estado mais próximo da região'

entrevista da semana

Mário Reali, Secretário-executivo do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC

'O Consórcio quer ter o Estado mais próximo da região'

SÉRGIO VIEIRA sergiovieira@gab.com.br

Ex-prefeito de Diadema (entre 2009 e 2012) e ex-presidente do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC (em 2011 e de janeiro a maio de 2012), Mário

Reali (PT) retorna ao colegiado regional, desta vez como secretário-executivo, para contribuir com a gestão do presidente Marcelo Oliveira (PT). As prioridades deste mandato, segundo o dirigente, são garantir os R\$ 2 bilhões em projetos que estão re-

presados no governo federal e consolidar uma aproximação com o governo do Estado para realizar parcerias com a região. Reali também falou sobre as saídas de São Bernardo e São Caetano do Consórcio e se pretende voltar a disputar eleição.



RAIO X

Nome: Mário Wilson Poadeira Reali
Idade: 65 anos
Local de nascimento: São Paulo e mora em Diadema
Formação: graduação e mestrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Universidade de São Paulo)
Hobby: jogar capoeira e exposições
Local predileto: Avenida Paulista e loja a cidade de Diadema
Livro que recomenda: Torro Arado, de Itamar Vieira Júnior
Personalidade que marcou sua vida: Presidente Lula
Profissão: Arquiteto e urbanista
Onde trabalha: Consórcio Intermunicipal do Grande ABC

Como o sr. recebeu o convite para assumir o cargo no Consórcio?

O primeiro contato foi feito pelo Filippi (prefeito de Diadema). Primeiro comecei a ouvir que se fosse o Filippi ou o Marcelo Oliveira (prefeito de Mauá) eleito presidente, seria importante que eu voltasse para o Consórcio. Eu estava trabalhando com projetos especiais em Diadema. Antes, trabalhei no governo Haadad (como prefeito de São Paulo) e a gente colocou em funcionamento o Conselho de Desenvolvimento Metropolitano. Depois, fui candidato a federal em 2014, mas fiquei como suplente. Hoje, dou aula sobre governança e território e essa discussão metropolitana é um tema que gosto muito. Depois que foi eleito, o Marcelo me fez o convite. E eu disse que iria se fosse para fortalecer o Consórcio.

Nesse sentido, como o sr. viu a saída dos prefeitos de São Bernardo e São Caetano após a vitória do Marcelo?

Foi muito ruim. A gente precisa recuperar as duas prefeituras. É muito importante que as sete prefeituras estejam unidas. O Consórcio sempre foi um espaço de uma certa isenção política. Tenho respeito grande por Aurichio e estivei juntos no Consórcio quando eu fui prefeito. O que há hoje é uma divergência política que sinto que não passa pelo Consórcio. Eles precisam repensar essa decisão. E o Orlando, quando era deputado, fazia parte da bancada do Grande ABC. Atuamos juntos na Assembleia, ele governista e eu da oposição, e nossa relação sempre foi respeitosa. Hoje estou sentindo que o momento é difícil. É necessário cicatrizar algumas questões. Não posso julgar a decisão deles, mas para a região é muito ruim. Enfraquece o Grande ABC.

O sr. esteve em Brasília com o presidente do Consórcio para tratar das demandas regionais. Como foi?

Levamos várias propostas e fizemos reuniões com ministros, com presidente da



'Tem R\$ 1 bilhão que é verba do PAC, orçamento da União, recursos de investimentos. E outro R\$ 1 bilhão é em financiamento, com base no FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), como canalização de córrego, sistema viário. O que queremos hoje é a que Caixa possa reprogramar esses projetos. No caso de muro de arrimo, por exemplo, o orçamento foi muito reduzido e a quantidade de obras também caiu. O que estamos tentando é recuperar toda essa carteira de investimentos. E o governo federal disse estar preparado para dialogar essas demandas. A Caixa tem muita informação, mas não tem os dados sistematizados. Há programas de dez, 12 anos que ainda não foram concluídos. Alguns até que assinei como prefeito. Há muitos recursos. E eles precisam ver o que tem disponível para poder seguir com os contratos. A nossa expectativa é de conseguir o máximo possível.'

Caixa, com a Miriam Belchior (secretária-executiva da Casa Civil). Temos uma pauta organizada inicial e estamos atualizando os números, principalmente de áreas de risco, de habitação e dados de mobilidade urbana. Hoje há uma demanda de perto de cinco mil unidades, de pessoas que estão em auxílio-aluguel. Quanto a áreas de manancial, há um programa específico. Conversei bastante com o José Police Neto (subsecretário estadual de Desenvolvimento Urbano e Metropolitano), que está muito interessado neste tema. Houve um aumento da pressão de ocupação na área de manancial. Os loteamentos estão crescendo. Há novos na divisa com São Bernardo. Em Brasília, a gente falou muito do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e do Minha Casa, Minha Vida.

Isso está incluído nos R\$ 2 bilhões que o presidente do Consórcio afirmou que iria buscar em Brasília?

Tem R\$ 1 bilhão que é verba do PAC, orçamento geral da União, recursos de investimentos. E outro R\$ 1 bilhão é em financiamento, com base no FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), como canalização de córrego, sistema viário. O que queremos hoje é a que Caixa possa reprogramar esses projetos. No caso de muro de arrimo, por exemplo, o orçamento foi muito reduzido e a quantidade de obras também caiu. O que estamos tentando é recuperar toda essa carteira de investimentos. E o governo federal disse estar preparado para dialogar essas demandas. A Caixa tem muita informação, mas não tem os dados sistematizados. Há programas de dez, 12 anos que ainda não foram concluídos. Alguns até que assinei como prefeito. Há muitos recursos. E eles precisam ver o que tem disponível para poder seguir com os contratos. A nossa expectativa é de conseguir o máximo possível.

E como tem sido a relação com o governo do Estado?

A exemplo do que estamos fazendo no governo federal, estamos preparando uma carta para o Estado com nossas demandas. O Police tem sido muito importante nisso e também já falamos com o Marcos Penido (secretário-executivo de Governo). A ideia é vincular ações com o PDUI (Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado), vinculado ao Estado das Metrópoles, para garantir a continuidade dos investimentos. O Consórcio quer ter o Estado mais próximo da região.

Há muito tempo discute-se a possibilidade de dar um assento ao Estado no Consórcio. Qual sua avaliação?

A gente precisa ajustar a governança, mas o Estado precisa estar disposto a este diálogo permanente. Como deputado estadual minha contribuição foi em debater na lei das regiões metropolitanas. São cinco regiões no Estado que coincidem com os consórcios locais. Com isso, as 39 prefeituras viram

cinco consórcios, que já chegam com pauta arrumada. Aí a gente também alinha com a Prefeitura de São Paulo, já que há muitas áreas de divisas com o Grande ABC. A gente pensa em uma equação de investimentos que envolva todo o território, incluindo a Capital, junto com o Estado. Nesse sentido, o caminho é o Consórcio estar mais presente e ser mais valorizado nesta interlocução.

O sr., então, está otimista com as parcerias do Consórcio com os governos federal e estadual?

Estou. A vinda do Penido foi muito boa e a conversa com o Police deu uma luz muito grande do trabalho que poderemos executar. Quando ele era vereador de São Paulo eu estava na SP Urbanismo (empresa pública da Prefeitura de São Paulo) e gente já discutia muito essa questão urbana. Ele está muito alinhado e atualizado nesta dinâmica novas de gestão e planejamento de territórios. E um profissional



'Os deputados da região são fundamentais. O Consórcio precisa ser um espaço de articulação.'

muito competente e vai fazer essas conexões importantes. Tem tudo para a gente avançar. Quanto ao governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), apesar dele ter sido eleito pelo bobonatismo, ele acredita na ciência e nos técnicos. Ele sabe da importância de executar obras. E está dialogando muito bem. A gente vai formalizar algum documento, de temas já conversados e com alinhamentos realizados, para que vire compromisso. E no governo federal também que vamos alinhar. A gente passou por um terremoto no governo federal e o presidente Lula vai reconstruir.

Na sua avaliação, qual é o principal problema do Grande ABC hoje?

As coisas estão muito investigadas. A primeira questão, que a gente sempre discutiu, foi em relação à vocação do Grande ABC do ponto de vista do desenvolvimento econômico e social. E isso se dá pela economia. Nós já tivemos o maior parque industrial do Brasil e estamos perdendo importância. O Celso Daniel já falava disso nos anos 1990. Nós temos uma capacidade industrial implantada que não podemos perder. Mesmo o setor de serviços tem conexão muito forte com a indústria. O setor de recursos humanos, apoio, prestação de serviço de contratação é vinculado à indústria, como limpeza, segurança, fretamento. E esta indústria está em um parque obsoleto. O processo produtivo hoje está muito informatizado. Isso tem a ver com a infraestrutura e o que a gente faz com os mais de 2,5 milhões de habitantes, se vamos virar uma região-dormitório e só ter prestação de serviço.

E como readaptar esse parque industrial?

A Agência de Desenvolvimento Econômico do Grande ABC está muito alinhada com as questões da inovação e tecnologia, conectando as universidades da região. Essa rede forma e qualifica gente para o novo momento com inovação e sustentabilidade.

E o governo Lula tem adotado muito esta linha. É necessário integrar os serviços e investir na transição ecológica.

O Grande ABC elegeu 12 representantes (oito deputados estaduais e quatro federais). O que esse contingente pode contribuir com o Consórcio?

Os parlamentares são fundamentais. Os deputados têm a capacidade de fazer emendas, apresentar leis e nos representar tanto na Assembleia Legislativa quanto na Câmara Federal. O Consórcio é uma reunião dos Executivos, mas precisa ser um espaço de articulação. Já conversei com o presidente Marcelo sobre isso. Precisamos retomar a bancada do Grande ABC. Quando eu era deputado, a gente fazia todo ano emendas conjuntas para a região. Lembro que, no caso do Orlando, a gente discutia, porque ele era situação e eu oposição, mas a gente defendia a mesma posição sobre os assuntos da região. É muito importante esse alinhamento. E com os vereadores também. Precisamos dialogar também com os presidentes das sete Câmaras.

Senhor foi deputado estadual por dois mandatos (de 2003 a 2008) e prefeito de Diadema (de 2009 a 2012). Pretende voltar a disputar eleição?

Muito difícil. Temos discutido muito em Diadema em deixar para os jovens. Não está no meu radar ser candidato. Minha tarefa é ajudar o Marcelo no Consórcio. E seguir dando aulas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política Pagina: 4